

Um
mundo de
oportunidades

Volume 10
Origem: vegetal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

PEDRO ALVES CORRÊA NETO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Marcel Moreira

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Manoel Augusto Soares Junior

Filipe Guerra

Equipe técnica:

Carlos Vitor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Leandro Antunes

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

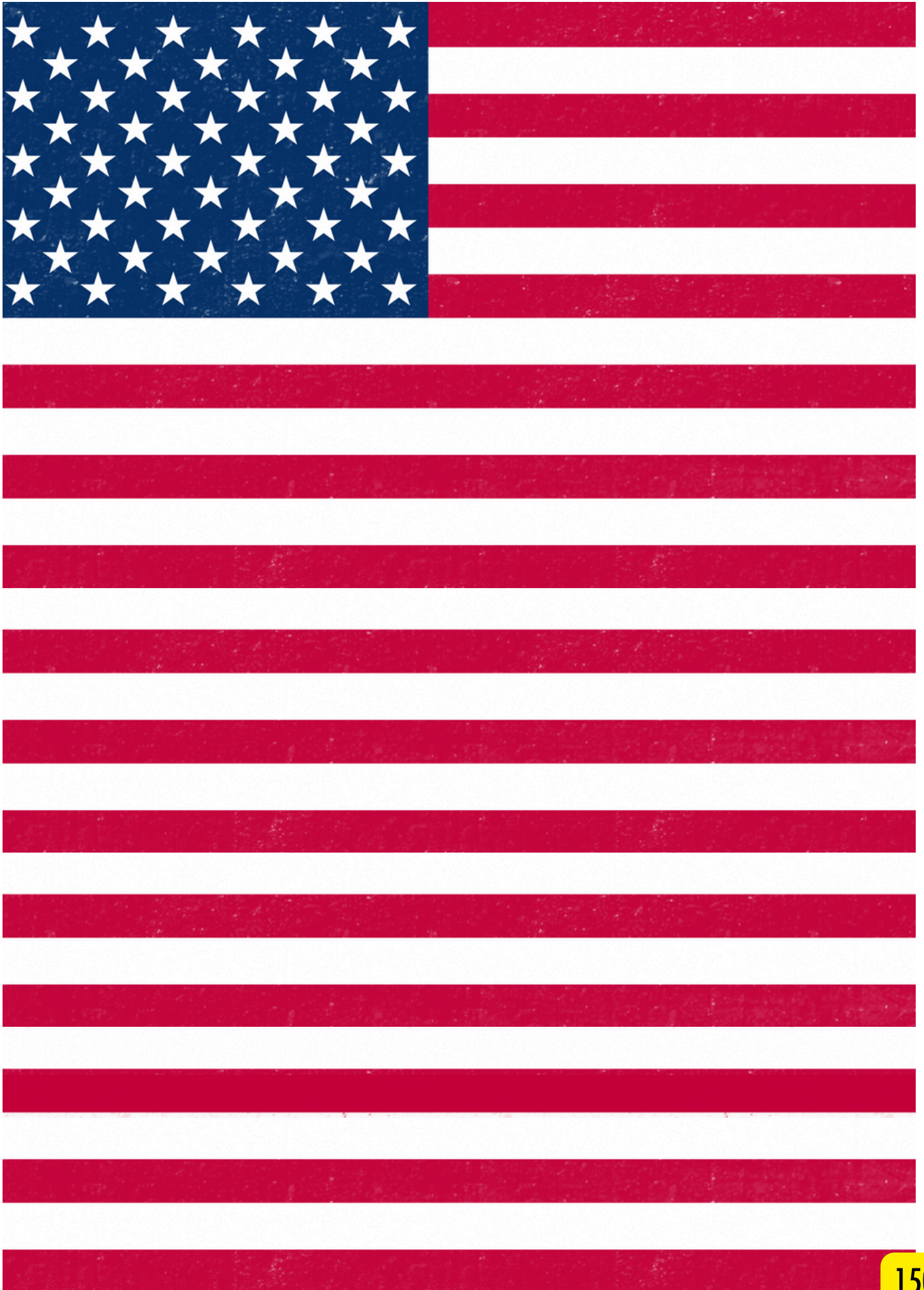


O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



PERSPECTIVAS PARA O CAFÉ VERDE NO MERCADO AMERICANO

Data: 10/10/2025

Posto: WASHINGTON/ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Palavras-chave: Estados Unidos, Exportações, Café Verde, Perspectivas.

Responsável: Ana Lúcia de Paula Viana, Adida Agrícola; e Mateus Voltolini, Assistente Técnico.

SUMÁRIO:

O anúncio da imposição de tarifas de até 50% sobre o café brasileiro nos Estados Unidos representa um divisor de águas no comércio internacional da commodity. Embora o consumo norte-americano siga elevado, a medida ameaça a competitividade do Brasil, maior fornecedor do produto, e pode desencadear uma reconfiguração estrutural do mercado global de café. As tarifas já resultaram em queda expressiva das exportações brasileiras ao mercado americano, ao mesmo tempo em que impulsionaram redirecionamentos para Europa, Ásia e países latino-americanos. A medida é interpretada menos como resposta econômica e mais como movimento político, inserido em tensões geopolíticas e no fortalecimento da aproximação do Brasil com a China. O impacto imediato é de aumento de preços ao consumidor, volatilidade nos mercados futuros e riscos de inflação tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Ao mesmo tempo, o cenário recente abre espaço para avanços diplomáticos e negociações bilaterais, já que a pressão interna causada pela escalada dos preços e a alta dependência norte-americana do café brasileiro — que representa cerca de um terço do consumo total — criam incentivos para uma revisão tarifária ou acordos de compensação no médio prazo. No longo prazo, a medida pode enfraquecer a centralidade do Brasil nas cadeias de suprimento de café para os EUA, abrindo espaço para novos fluxos comerciais, mas também impondo desafios de adaptação e reposicionamento estratégico.

1.Introdução: Mercado em Ascensão e Pressão das Tarifas

Nos últimos 18 meses, os preços globais do café registraram uma escalada impressionante: em 2024, as cotações do arábica subiram 79%, e até agosto de 2025 já acumulavam alta adicional de 28%. Desde o fim de 2022, a valorização beira 200%. No caso do robusta, de qualidade geralmente inferior e produzido sobretudo no Vietnã, os preços mais que triplicaram desde 2023. O aumento dos preços globais já era uma realidade quando, em agosto de 2025, os Estados Unidos impuseram tarifas de 50% sobre o café brasileiro. O resultado foi imediato: produtores brasileiros passaram a reter embarques, em meio a negociações com torrefadores americanos sobre quem absorveria os custos adicionais. Essa disputa reduziu a disponibilidade de café no mercado norte-americano e inchou os estoques domésticos no Brasil, ampliando a pressão sobre preços globais.

Os preços dos alimentos consumidos em casa estavam 2,7% mais altos do que há um ano. O preço do café subiu aproximadamente 20%, segundo o U.S. Bureau of Labor and Statistics.

Diferentemente de outras commodities sujeitas a tarifas, como aço, os EUA não possuem capacidade de substituir importações por produção doméstica. A produção restrita ao Havaí – apenas 50 mil sacas em 2024, 0,03% da oferta mundial – é insignificante diante da demanda nacional. Assim, a tarifa cria uma escassez estrutural, sem solução via oferta interna, reforçando o papel do Brasil como peça-chave, mesmo em meio a tensões comerciais.

Essa disparada reflete a elevada concentração geográfica da produção: enquanto o arábica responde por 60-70% do total mundial, com o Brasil como principal fornecedor, o robusta representa 30–40%, majoritariamente originário do Vietnã. Como consumo e produção não coincidem – nenhum dos cinco maiores produtores figura entre os cinco maiores consumidores – o mercado global de café está estruturalmente exposto a choques. Os Estados Unidos são exemplo central: maior consumidor mundial, suprem quase toda a demanda via importações, sobretudo do Brasil e da Colômbia.

Os 5 Principais Produtores de Café no Mundo

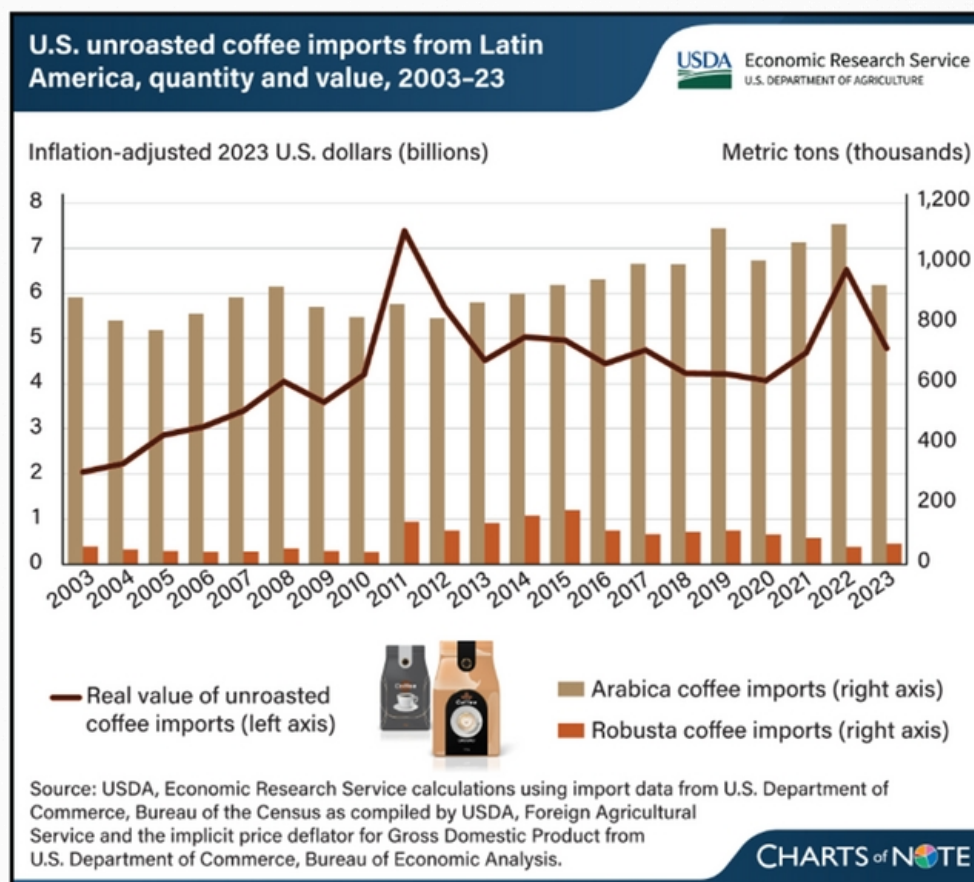
Market	% of Global Production	Total Production (2024/2025, 60 KG Bags)
Brazil	37%	64.7 Million
Vietnam	17%	29 Million
Colombia	8%	13.2 Million
Indonesia	6%	10.7 Million
Ethiopia	6%	10.63 Million
Uganda	4%	6.7 Million
India	4%	6.2 Million
Honduras	3%	5.52 Million
Peru	2%	3.88 Million
Mexico	2%	3.87 Million

Fonte: FAS/USDA

Do lado da oferta, mudanças climáticas e eventos climáticos extremos afetaram de forma severa os rendimentos do arábica e do robusta. O Brasil enfrentou em 2024 uma combinação de seca histórica e chuvas excessivas, reduzindo drasticamente a colheita. O aquecimento global ainda encurta o ciclo de maturação e aumenta a exposição das lavouras a pragas e doenças. Do lado da demanda, a elasticidade é baixa: mesmo com preços em alta, o consumo permanece sólido, dada a centralidade cultural do café e a escassez de substitutos. Estudos indicam que um aumento de 1% no preço leva, em média, a apenas 0,25% de queda na demanda.

2.Principais fornecedores de café verde aos EUA: o papel da América Latina

O café permanece um dos pilares do consumo americano: o país é o maior mercado consumidor mundial e depende fortemente do abastecimento externo. Em 2024, aproximadamente 80% das importações norte-americanas de café verde tiveram origem na América Latina, totalizando US\$ 5 bilhões, com destaque para o Brasil (30%) e a Colômbia (21%). Historicamente, mais de 92% das importações de café pelos Estados Unidos correspondem à variedade arábica – menos ácida, de qualidade superior e comercializada a preços mais elevados em relação ao robusta. Tanto o Brasil quanto a Colômbia figuram entre os principais produtores globais de grãos de café arábica, ainda que suas participações relativas no mercado importador norte-americano tenham diminuído nos últimos anos.



Historicamente, 16,7% das exportações brasileiras de café destinam-se aos Estados Unidos. Contudo, a imposição de tarifas de 50% desde agosto de 2025 transformou essa relação.

De imediato, observou-se uma queda de 46% nas exportações brasileiras para os EUA em agosto, segundo o Cecafé, enquanto as vendas para países como México (+90%) e Colômbia (+578%) dispararam – o que pode representar um aumento na prática de transbordo. Essa retração não se limitou ao café verde: o setor de café solúvel brasileiro registrou queda de quase 60% nas vendas para o mercado norte-americano.

O Brasil, maior produtor e exportador mundial de café, viu sua posição no mercado norte-americano ameaçada pela perda de competitividade. Tradicionalmente, o país ocupa papel central nas misturas de café usadas por grandes redes e marcas devido ao custo competitivo, à regularidade do fornecimento e ao perfil sensorial dos grãos. O resultado das tarifas foi a retração nas compras, o aumento da incerteza e o adiamento de contratos. Ao mesmo tempo, a medida abriu espaço para especulação nos mercados futuros e trouxe instabilidade adicional aos preços globais da commodity.

Com as tarifas, torrefadores americanos devem buscar alternativas, sobretudo na Colômbia, no Vietnã e na Etiópia. No entanto, nenhum desses fornecedores dispõe da mesma escala e confiabilidade do Brasil. O resultado é o aumento de gargalos logísticos, encarecimento dos diferenciais e maior volatilidade no mercado internacional. Para o Brasil, a saída tem sido diversificar destinos. As exportações de café para a União Europeia e a Ásia cresceram, com destaque para a China, que embora ainda seja um importador relativamente pequeno de café, tem expandido sua importância como parceiro estratégico e investidor em logística.

3.Perspectivas para o Setor

As perspectivas são de manutenção da pressão de preços no curto prazo. O Brasil dificilmente conseguirá manter sua fatia histórica no mercado americano se as tarifas forem prolongadas. Mesmo que diplomacia ou resultados eleitorais revertam a medida, o episódio já impulsionou torrefadores norte-americanos a investir em diversificação de origens, movimento que pode reduzir a dependência estrutural do Brasil.

Cooperativas e exportadores brasileiros, como a Expocacer, já vêm ampliando a oferta de cafés certificados e diferenciados, além de serviços logísticos integrados, buscando fortalecer vínculos comerciais fora do eixo tradicional. O setor também aposta em selos de sustentabilidade e rastreabilidade como forma de diferenciar-se em mercados menos sensíveis a preço e mais voltados a impacto socioambiental.

4.Impacto no Consumidor e no Mercado Global

O efeito das tarifas é imediato para os consumidores norte-americanos: redes como Starbucks e Dunkin' enfrentam pressão de custos, supermercados recorrem a cafés de qualidade inferior ou maior uso de robusta, e torrefadores artesanais têm dificuldades em manter blends tradicionais. Estimativas indicam que os preços ao consumidor nos EUA devem subir de forma significativa caso as tarifas persistam.

O impacto também reverbera no Brasil, segundo a ABIC, com risco de elevação dos preços domésticos e pressão inflacionária sobre o consumidor brasileiro. A redução das exportações, somada ao aumento da demanda em mercados alternativos, já encarece o café no mercado interno.

No cenário global, a medida ameaça a estabilidade do setor: como o Brasil é o “formador de preços” nos mercados futuros, a exclusão parcial do país de seu maior cliente pressiona cotações internacionais e fragmenta as cadeias de suprimento. Outros países produtores podem se beneficiar temporariamente, mas enfrentarão desequilíbrios de oferta e custos internos em razão da demanda redirecionada.

5. Conclusão

Diante do atual cenário, a imposição de tarifas de 50% sobre o café brasileiro pelos Estados Unidos marca uma inflexão profunda nas relações comerciais bilaterais e na dinâmica do mercado global. A medida expõe vulnerabilidades estruturais e pressiona tanto produtores brasileiros quanto consumidores norte-americanos, ao mesmo tempo em que acelera processos de diversificação e reposicionamento geopolítico. No entanto, a recente retomada do diálogo direto entre os presidentes do Brasil e dos Estados Unidos — com manifestações explícitas de interesse em restaurar o comércio e em negociar presencialmente — abre espaço para um possível desdobramento diplomático capaz de reduzir tensões e reavaliar a política tarifária

Caso as negociações avancem, há perspectivas de um cenário em que o Brasil possa não apenas preservar sua posição estratégica nas cadeias globais de fornecimento, mas também consolidar novos padrões de cooperação comercial baseados em qualidade, sustentabilidade e previsibilidade regulatória. A forma como ambos os países conduzirão essas tratativas nos próximos meses será determinante para definir se o episódio representará um ponto de ruptura ou um catalisador para uma nova etapa no comércio do café entre Brasil e Estados Unidos.